



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

DAIANA DA SILVA

**ENTRE OS SABERES ANTIGOS E AS NOVAS TECNOLOGIAS: A INFÂNCIA  
MBYÁ GUARANI E O NHANDEREKO EM TRANSFORMAÇÃO**

Florianópolis

2025

DAIANA DA SILVA

**ENTRE OS SABERES ANTIGOS E AS NOVAS TECNOLOGIAS: A INFÂNCIA  
MBYÁ GUARANI E O NHANDEREKO EM TRANSFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
submetido a Universidade Federal de Santa  
Catarina - UFSC como requisito para obtenção  
do título de licenciada na Licenciatura  
Intercultural indígena do Sul da Mata Atlântica  
- ênfase em linguagens e suas tecnologias.

Orientador(a): Prof<sup>o</sup>. Josué Carvalho

Florianópolis

2025

da Silva, Daiana

ENTRE OS SABERES ANTIGOS E AS NOVAS TECNOLOGIAS : A  
INFÂNCIA MBYÁ GUARANI E O NHANDEREKO EM TRANSFORMAÇÃO /  
Daiana da Silva ; orientador, Josué Carvalho, 2026.

41 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural  
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica. 2. infância indígena. 3. educação indígena. 4.  
nhandereko. 5. Mbyá Guarani. I. Carvalho, Josué . II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura  
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III.  
Título.



# UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de História

Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

Campus Universitário - Trindade CEP: 88040-900 - Florianópolis - SC

Telefones: (048) 3721-4879 – 3721-2600

licenciaturaindigena@cfh.ufsc.br

## Ata da Banca de Defesa de TCC de

### Daiana da Silva

Aos dezenove dias do mês de novembro do ano dois mil e vinte cinco, às 15h30h, na sala 110 – Bloco D do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos(as) Professores(as) Josué Carvalho (Orientador e Presidente), Maria Antonella Tassinari e Silvana Mindua Vidal Verissimo, designada pela Portaria nº. 53/HST/CFH/2025, do Senhor Prof. Dr. Waldomiro Lourenço da Silva Júnior, chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Daiana da Silva, subordinada ao título: Entre os saberes antigos e as novas tecnologias: A infância Mbyá Guarani e o nhandereko em transformação. Aberta a sessão pelo(a) presidente, coube ao aluno, na forma regimental, expor o tema do seu TCC, findo o que, dentro do tempo regulamentar, foi arguida pelos membros da banca examinadora. Em seguida, deu as explicações que se fizeram necessárias. A seguir a banca examinadora reuniu-se reservadamente para proceder à avaliação final, conforme critérios estabelecidos pelo Regimento do curso, sendo o candidato ( ) Reprovado; (X) Aprovado. Nota 10. O texto final (TCC) deverá ser entregue na biblioteca no prazo de **90 dias** a contar da presente data, levando em consideração as recomendações da banca examinadora.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Josué Carvalho (Orientador e Presidente)

*Josué Carvalho*

Profa. Dra. Maria Antonella Tassinari

*Antonella Tassinari*

Profa. Silvana Mindua Vidal Verissimo

*Silvana M. V. Verissimo*

Aluna: Daiana da Silva

*Daiana da Silva*

Dedico este trabalho a toda minha família, Mas especialmente as duas pessoas que partiram muito cedo desta vida, ao meu querido avô seu Augusto da Silva que durante toda a vida me incentivou e me encorajou e ao meu tio Eduardo da Silva, que foi uma pessoa que me inspirou muito para seguir esse caminho de acadêmica com muita dedicação e esperança.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Nhanderu, porque sem Ele nenhum passo da minha caminhada seria possível. Foi Sua luz que guiou meus dias, fortaleceu meu espírito e colocou as pessoas certas ao meu redor para que eu pudesse seguir firme até aqui.

Agradeço com muito carinho a toda a minha família — meus tios, minhas tias, meus primos e meus irmãos — pelo incentivo, pela confiança e pelo apoio em cada etapa desta jornada. Crescer rodeada por vocês sempre me deu força para acreditar nos meus sonhos.

Meu agradecimento especial à minha vó, dona Maria da Silva Guimarães, que sempre esteve presente com suas palavras de conforto, suas rezas e sua sabedoria. Cada oração que ela fez por mim me ajudou a levantar nos momentos mais difíceis e me deu coragem para enfrentar os desafios deste caminho.

À minha mãe, Francisca Brite, agradeço por todo o incentivo, por me apoiar em cada escolha e por estar ao meu lado não só durante o período de estudos, mas em todos os momentos da vida. Ao meu pai, Claudio da Silva, agradeço pela confiança e pela dedicação. Ele sempre acreditou na minha capacidade, me encorajou a estudar, a pesquisar e a nunca desistir do que eu realmente queria. Recebi dele não apenas apoio, mas um exemplo de força e comprometimento.

Quero expressar minha gratidão mais profunda à minha filha, Kerexu Mirim (Isabela da Silva Acosta). Há quatro anos, com apenas seis anos de idade, ela me compreendeu e esperou com paciência e amor enquanto eu dividia meu tempo entre a maternidade, o estudo e a pesquisa. A presença dela me deu coragem para continuar e para chegar até aqui com o coração firme.

Agradeço também às lideranças e à comunidade da Tekoá Marangatu por todo o apoio durante esse período de universidade e tempo comunidade. Cada gesto, cada conversa e cada colaboração nos trabalhos acadêmicos fortaleceram este caminho e me ajudaram a compreender ainda mais o valor do nosso nhandereko.

Agradeço à Escola Indígena Tekoá Marangatu e a toda a gestão pela oportunidade, compreensão e pelo apoio constante para que eu pudesse me dedicar aos estudos e, ao mesmo tempo, seguir contribuindo como professora dentro da aldeia. Meu agradecimento segue para todos que caminharam comigo e fizeram parte desta etapa tão importante da minha vida.

## XEREMBIAPO REGUA

Kova'e xerembiapo ma ambopara xeayu haguã kyringue reko re, mba'eixa pa nhandereko py nhambo'e ikuai porã haguã, ovy'a ha'e imbaraete oiko vy haguã. Nhande jaryi kuery gui aema jaikuaa mba'e tape rupi pa "nhembo'e" ma nhande ayu vy jaraa porã haguã nhande ra'y kuery. Xeayu tavi peixa juruá mbavyky, jurua kuery mba'e oiporu vaipa ete ain gui kyringue, ojereraa huka pa peixa iporã va'epe he'yn ja'e arami pe rive, ha'e vy ma noendu vei ma tujakue'i ha'e guaimi kue ve'i ayu, nombapo vei ma guu kuery reve, ndoikuaa pota vei ma oxy mba'e ia re ain gui. Ha'e vy kova'e ajapo a mbo mbaraete haguã kyringue nhembo'e porã regua.

**RESUMO:** Este trabalho apresenta a educação tradicional Mbyá Guarani e os modos próprios de aprender das crianças dentro do *nhandereko*, destacando o papel central dos mais velhos, da convivência diária e da circulação pelo território na formação infantil. A pesquisa foi realizada na comunidade Tekoá Marangatu e buscou compreender de que modo as tecnologias digitais têm influenciado a rotina, o comportamento e as relações intergeracionais das crianças Mbyá na atualidade. A partir de observação participante, conversas com anciãos, mães, professores e crianças, e registros em diário de campo, identificaram-se transformações significativas na infância, especialmente a diminuição da circulação pela aldeia, da convivência com os avós e da presença na *opy*, bem como mudanças nas brincadeiras e nas práticas educativas tradicionais. Os resultados mostram que o uso excessivo de telas afeta o desenvolvimento emocional e a transmissão dos saberes ancestrais, mas também revelam que a cultura permanece viva nas continuidades espirituais, nas rezas, nos conselhos dos mais velhos e nos esforços coletivos para equilibrar tradição e modernidade. Assim, o estudo reforça a importância de fortalecer a educação tradicional Guarani e de orientar o uso das tecnologias de modo que não substituam, mas complementem, a convivência comunitária e a formação espiritual das crianças.

**Palavras-chave:** infância indígena; educação indígena; *nhandereko*; tecnologia digital; Mbyá Guarani.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 - Apresentação pessoal e trajetória. ....	10
1.2 - Contextualização da comunidade. ....	11
1.3 - Problemática. ....	12
1.4 - Justificativa. ....	13
1.5 - Objetivos. ....	14
• Objetivo geral. ....	14
• Objetivos específicos. ....	14
1.6 - Metodologia da pesquisa. ....	15
<b>CAPÍTULO 1 – SABERES, INFÂNCIA E NHANDEREKO MBYÁ GUARANI</b> .....	16
1.1 - A Educação Mbyá Guarani como caminho de vida. ....	16
1.2 - O papel do território e da comunidade na formação da criança. ....	17
1.3 - A oralidade como caminho da memória e da formação. ....	18
1.4 - O <i>nhandereko</i> como base da educação Mbyá Guarani. ....	19
1.5 - Os Xeramõi e Xejaryi como guardiões do saber .....	20
1.6 - A espiritualidade como parte da formação da criança. ....	21
1.7 - A transmissão dos saberes entre as gerações. ....	22
1.8 - A educação Mbyá e a diferença em relação à escola ocidental. ....	23
1.9 - As transformações recentes na infância Mbyá. ....	24
1.10 - As tensões entre tradição e modernidade na educação Mbyá. ....	25
1.11 - Saberes e costumes Mbyá Guarani como resistência cultural. ....	26
1.12 - Síntese. ....	27
<b>CAPÍTULO 2 – CAMINHOS DA PESQUISA: METODOLOGIA EM PERSPECTIVA MBYÁ GUARANI</b> .....	28
2.1 - Local da pesquisa. ....	28
2.2 - Sujeitos da pesquisa. ....	29
2.3 - Técnicas e instrumentos de coleta. ....	30

2.4 - Análise dos dados.....	31
2.5 - Considerações éticas.....	32
2.6 - Experiência da Autora.....	33
<b>CAPÍTULO 3 – TRANSFORMAÇÕES NA INFÂNCIA MBYÁ GUARANI: ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>33</b>
3.1 - A infância Mbyá Guarani no passado: memórias, ensinamentos e convivências... ..	33
3.2 - A infância Mbyá Guarani na atualidade: mudanças, rotinas e novos modos de aprender.....	35
3.3 - As tecnologias e suas influências na rotina infantil.....	36
3.4 - O “encantamento” das crianças guarani pela tecnologia.....	37
3.5 - Rupturas, continuidades e desafios contemporâneos... ..	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

### 1.1 - Apresentação pessoal e trajetória

Meu nome é Daiana da Silva, mas também sou Pará Yxapy, que significa “aquela que caminha junto com a luz”. Esse nome, recebido no meu batismo espiritual, sempre acompanhou a minha caminhada desde criança. Para nós, povo Mbyá Guarani, o nome não é apenas uma forma de identificação: ele revela quem somos, o caminho que devemos trilhar e a força espiritual que nos orienta. Como afirma Melià (1991), a educação guarani nasce da palavra que se escuta e do modo como se vive entre os mais velhos; por isso, o nome é também um ensinamento.

Sou filha de Claudio da Silva e Francisca Brite, e neta de Augusto da Silva e Maria da Silva Guimarães, que tiveram papel fundamental na minha formação. Nasci em Palhoça (SC), na aldeia Pira Rupá (Maciambu), em 22 de junho de 1996. Ainda pequena, minha família se mudou para a aldeia Tekoá Marangatu, adquirida como compensação pelas obras do gasoduto Bolívia–Brasil e da duplicação da BR-101. Os primeiros moradores chegaram em novembro de 1999, e minha xejaryi escolheu o nome “Marangatu” para representar o espírito de harmonia daquele lugar rodeado de mata, rios e terras férteis. Desde então, cresci ali, aprendendo que o território também educa: cada árvore, cada canto de ave, cada rio carrega um ensinamento.



**Imagem 1:** Xejaryi (Maria da Silva Guimarães, Para Rete Yxapy), Tekoá Marangatu. Fonte: Acervo Próprio 2025.

Venho de uma família que mantém viva a tradição. Até os sete anos não havia escola na aldeia, então minha educação aconteceu na convivência com meus avós, meus pais e a comunidade. Aprendi observando, escutando e repetindo gestos, como toda criança guarani que cresce dentro do nhandereko, nosso modo de vida. Minha infância foi marcada pelos ensinamentos dos mais velhos, pelas brincadeiras ao ar livre, pelas rezas, danças e atividades coletivas. Esses aprendizados fortaleceram minha espiritualidade e identidade como Mbyá Guarani.



**Imagem 2:** Minha visita a Opy para conversar com a Xejaryi, Tekoá Marangatu. Fonte: Clarice Jerá

## **1.2 - Contextualização da comunidade**

A aldeia Tekoá Marangatu está localizada em Imaruí, no litoral sul de Santa Catarina, entre mata, rios e áreas de agricultura tradicional. A vida comunitária se organiza entre a opy (casa de reza), o território e a escola indígena. A opy é o centro espiritual da comunidade, onde ocorrem rezas, cantos e orientações conduzidas pelos xeramõi e xejaryi. É nesse espaço que muitas aprendizagens acontecem de forma viva e coletiva.

A Escola Indígena de Educação Básica Tekoá Marangatu foi criada em 2003 e atende crianças da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Magistério Indígena. A escola dialoga com práticas culturais, linguísticas e espirituais da aldeia, como afirma Cohn (2005), quando destaca que a educação da criança indígena está profundamente ligada ao cotidiano e ao convívio comunitário. Mesmo assim, percebo que, com o passar dos anos, a escola ganhou um papel cada vez mais central no dia a dia das crianças, reduzindo o tempo de convivência com os mais velhos.



**Imagem 3:** Escola Indígena Tekoá Marangatu. Fonte: Acervo Próprio, 2025.

### **1.3 - Problemática**

Tradicionalmente, as crianças Mbyá aprendem pela convivência, pela escuta e pelo exemplo dos mais velhos. A educação acontece no corpo da aldeia: na opy, na roça, na mata, nos mutirões, nas visitas aos avós. Porém, nos últimos anos, o uso crescente de tecnologias como celulares, televisão, jogos eletrônicos e internet vem alterando significativamente a infância e o modo de aprender.

Como aponta Baniwa (2019), as tecnologias podem aproximar ou afastar: tudo depende do modo como são incorporadas ao cotidiano. Na minha observação, percebo que muitas crianças passam mais tempo nas telas do que circulando pelo território ou escutando as histórias dos mais velhos. Isso reduz a presença da oralidade, fragiliza a transmissão dos saberes e altera os vínculos com a comunidade.

Diante desse cenário, a pergunta que guia esta pesquisa é:

De que modo o uso crescente das tecnologias digitais têm transformado a infância Mbyá Guarani e afetado a transmissão dos saberes tradicionais entre as gerações?

## **1.4 - Justificativa**

A escolha deste tema nasce de uma reflexão pessoal e comunitária. Ao comparar minha infância com a das crianças de hoje, percebo mudanças profundas na convivência e no modo de aprender. Antes, a circulação pelo território e a presença com os mais velhos eram constantes. Hoje, a rotina escolar e as tecnologias ocupam boa parte do tempo das crianças.

Autores como Baniwa (2019) e Cohn (2005) discutem como a modernidade modifica práticas culturais e relações educativas nas aldeias, especialmente quando interfere na oralidade, base da nossa educação. Melià (1991) destaca que é no convívio com os mais velhos que se forma a identidade guarani. Esses autores ajudam a compreender como a tecnologia pode tanto fortalecer quanto fragilizar a continuidade dos saberes tradicionais, dependendo de como é utilizada. Assim, esta pesquisa se justifica pela necessidade de entender como essas mudanças estão afetando a comunidade, especialmente as crianças, e como podemos fortalecer nossa cultura diante desse novo cenário.

## **1.5 - Objetivos**

### **Objetivo geral:**

Compreender de que modo as tecnologias digitais têm afetado a infância Mbyá Guarani e transformado as formas tradicionais de aprendizagem e vivências na aldeia.

### **Objetivos específicos:**

- Investigar como as tecnologias modificam as práticas educativas e a convivência comunitária;
- Analisar como as crianças utilizam as tecnologias no cotidiano;
- Compreender a percepção dos mais velhos sobre essas mudanças;
- Refletir sobre como a escola pode fortalecer a educação tradicional diante do uso atual das tecnologias.

## **1.5 - Metodologia da pesquisa**

A pesquisa foi realizada na Tekoá Marangatu entre março de 2024 e setembro de 2025, por meio de observação participante, conversas informais e entrevistas com lideranças, mães, anciãos e crianças. Por eu ser pertencente à comunidade, minha escuta e meu olhar são

parte da própria dinâmica cultural, o que fortalece a compreensão dos sentidos presentes nas práticas observadas.

A abordagem é etnográfica, pois busca interpretar significados dentro do contexto cultural da aldeia. Segundo Geertz (1989), compreender uma cultura exige uma interpretação densa de suas práticas. Para Tassinari (2001), nas comunidades indígenas a educação está profundamente ligada à convivência diária e à circulação do conhecimento entre gerações. Assim, acompanhei as crianças em suas atividades cotidianas — brincadeiras, uso de tecnologias, idas à *opy* e à escola — observando como essas práticas se relacionam com o *nhandereko*.

## **CAPÍTULO 1 – SABERES, INFÂNCIA E NHANDEREKO MBYÁ GUARANI**

### **1.1 - A Educação Mbyá Guarani como caminho de vida**

A educação Mbyá Guarani nasce dentro do *nhandereko*, o nosso modo próprio de viver, sentir e caminhar no mundo. Antes de ser um conjunto de práticas, o *nhandereko* é uma filosofia que orienta os relacionamentos, a convivência, a espiritualidade e a forma como cada pessoa aprende desde pequena. Como afirma Melià (1991), entre os Guarani o aprender não se separa do viver; a educação acontece no corpo do dia a dia, no território, na palavra e nos vínculos com a comunidade. Essa visão se diferencia da escola ocidental, que divide os saberes por disciplinas e horários. Para nós, aprender é estar junto, observar, escutar, participar.

A infância Mbyá não é vista como uma fase de “preparação para a vida adulta”, mas como um momento pleno em si mesmo, onde a criança participa ativamente da vida comunitária e recebe orientações dos mais velhos. Como destaca Cohn (2005), nas infâncias indígenas o aprender se dá pela participação, não pela imposição. A criança tem liberdade para circular, explorar e vivenciar experiências que fortalecem seu corpo e seu espírito. Por isso, a educação Mbyá se sustenta na convivência, na prática cotidiana, na palavra dos mais velhos e na relação com a natureza.



**Imagem 4:** Crianças brincando e ao mesmo tempo ajudando nas tarefas comunitárias. Fonte: Acervo Próprio, 2025.

## 1.2 - O papel do território e da comunidade na formação da criança

O território é um dos principais educadores da criança Mbyá. Ele ensina por meio dos caminhos, das plantas, dos rios, dos pássaros e dos espaços de convivência. A aldeia inteira é uma sala de aula viva, onde cada lugar carrega um ensinamento. Na opy, as crianças aprendem o valor do silêncio, da espiritualidade e da força da palavra. Na roça, aprendem a plantar, colher e respeitar o tempo da terra. No artesanato, aprendem paciência, concentração e memória.



**Imagem 5:** Crianças ajudando nas tarefas comunitárias na Tekoa Marangatu. Fonte: Acervo Próprio, 2025

O processo educativo acontece coletivamente. Os pais orientam, os avós aconselham, os líderes espirituais conduzem, e todas as crianças aprendem observando os adultos em ação. Tassinari (2001) lembra que, entre muitos povos indígenas, a transmissão do conhecimento ocorre por meio da convivência intergeracional, onde cada gesto e cada história carregam sentidos profundos. É por isso que os xeramõi e as xejaryi têm papel tão importante: são eles que guardam e repassam a sabedoria ancestral, atuando como conselheiros, cuidadores e guias espirituais. Veríssimo (2020) também reforça dizendo que os pais sabem as necessidades como e quando deveriam ser ensinadas culturalmente as crianças. Ao chegarem à fase de aprender a falar, eles aprendem sua língua (no caso, guarani) ouvindo muitas histórias contadas, canções cantadas e lições morais ensinadas desde cedo.

### **1.3 - A oralidade como caminho da memória e da formação**

A palavra falada é um dos pilares da educação tradicional Mbyá. Ela não é apenas comunicação, mas também uma forma de ensinar, de transmitir memória e de fortalecer a espiritualidade. Como explica Alfredo Wagner (apud COHN, 2005), nas sociedades indígenas a oralidade constrói pontes entre o passado e o presente, permitindo que saberes antigos continuem vivos no cotidiano. Entre os Mbyá, histórias, cantos, rezas e conversas ao redor do fogo são momentos de formação que moldam a personalidade da criança e reforçam os laços com a comunidade.

A memória é construída coletivamente: cada história contada pelos mais velhos se soma às experiências da criança, que aprende a guardar e respeitar os ensinamentos. Essa prática fortalece a identidade e orienta o comportamento dentro da comunidade. Diferente da escrita ocidental, que separa o conhecimento do corpo e do território, a oralidade Mbyá o mantém vivo, sensível e integrado ao cotidiano.



**Imagem 6:** Xeramõi Mário em uma roda de conversa com as crianças na Tekoá Marangatu). Fonte: Acervo

Próprio, 2025.

#### **1.4 - O nhandereko como base da educação Mbyá Guarani**

O *nhandereko* é o que orienta todo o modo de viver Mbyá Guarani. Não é apenas um conceito, mas um caminho de vida que envolve espiritualidade, cuidado coletivo, convivência diária e respeito aos seres visíveis e invisíveis. É dentro desse *nhandereko* que a criança aprende a ser quem ela é, entendendo que sua formação não depende apenas de conteúdos, mas de relações. Como explica Melià (1991), a educação guarani acontece “no caminhar”, porque o conhecimento não está separado da vida, mas faz parte dela desde o nascimento.

Desde pequena, aprendi que viver o *nhandereko* significa estar atenta ao que acontece ao redor, observar as atitudes dos mais velhos e reconhecer a importância da palavra verdadeira. A criança cresce acompanhando os adultos e participando de todas as atividades, mesmo quando ainda não entende profundamente os significados. É assim que o aprendizado se dá: de forma natural, orgânica e integrada ao cotidiano.

#### **1.5 - Os Xeramõi e Xejaryi como guardiões do saber**

Os *xeramõi* e as *xejaryi* têm papel essencial na educação Mbyá. São eles que guardam a memória, os rituais, a espiritualidade e os ensinamentos mais antigos. Suas palavras carregam força e sabedoria, e suas orientações moldam o caráter e o comportamento das crianças. Como destaca Tassinari (2001), nas sociedades indígenas a presença dos mais velhos é referência para toda a comunidade, pois eles mantêm viva a continuidade dos saberes. Assim destaca Veríssimo (2020) reforçando que os pais, os mais velhos e anciãos da comunidade tem como propósito que as crianças desde pequenas aprendem um pouco de tudo, acompanhando-as nas atividades do dia a dia, pois sabem que desde os tempos remotos dos nossos antepassados são importantes para a formação dos seus filhos.

Lembro das noites ao redor do fogo, quando escutava as histórias que minha avó contava, falando sobre os seres da mata, sobre o cuidado com a palavra e sobre o sentido da vida. Cada história tinha um ensinamento, mesmo que às vezes fosse difícil de entender na infância. Hoje vejo que esses momentos foram fundamentais para a minha formação, pois ensinaram valores que não se aprendem em livros, mas na convivência diária com quem já caminhou muito mais do que nós.



**Imagem 7:** Xejaryi (dona Maria) acompanhando na reparação da Opy, Tekoa Marangatu. Fonte: Acervo Próprio, 2025.

### **1.6 - A espiritualidade como parte da formação da criança**

A espiritualidade é um elemento central na educação Mbyá Guarani. Desde cedo, a criança participa de rezas, cantos e rituais conduzidos na opy. Esses momentos fortalecem o vínculo com *Nhanderu* e com os espíritos que acompanham cada pessoa. Eles também ajudam a criança a aprender sobre equilíbrio, respeito e cuidado com o território.



**Imagem 8:** Opy na Tekoa Marangatu, com as crianças brincando ao redor. Fonte: Acervo Próprio, 2024.

Como afirma Benites (2014), para os Mbyá, a educação espiritual é tão importante quanto o aprendizado das atividades físicas e sociais. A criança aprende que tudo tem vida — as árvores, os rios, as montanhas — e que é preciso tratar todos esses seres com cuidado e responsabilidade. Essa formação espiritual orienta as decisões, as atitudes e os relacionamentos, mostrando que a educação não é apenas sobre “saber fazer”, mas também sobre “saber sentir e saber viver”.

### **1.7 - A transmissão dos saberes entre as gerações**

A transmissão dos saberes Mbyá acontece pela oralidade, pelo exemplo e pela participação no cotidiano. Não existem “aulas formais”, mas situações de aprendizagem constantes. As crianças observam, imitam, experimentam e repetem as práticas dos adultos, aprendendo no ritmo próprio de cada uma. Alfredo Wagner, citado por Cohn (2005), destaca que esse tipo de educação é profundamente relacional, pois depende da presença, da escuta e da convivência constante.

Entre os Mbyá, ninguém aprende sozinho ou isolado. O aprendizado é sempre coletivo e se fortalece quando as crianças circulam pela aldeia, visitam os parentes, participam de mutirões e convivem com os mais velhos. Cada encontro é uma oportunidade de aprender algo novo — seja um canto, um ensinamento sobre plantas medicinais, um conselho ou uma história sobre a origem dos seres.

### **1.8 - A educação Mbyá e a diferença em relação à escola ocidental**

A educação ocidental costuma separar a vida em espaços: a escola é o lugar de aprender, a casa é lugar de viver, e o trabalho é lugar de produzir. Entre os Mbyá, essa separação não existe. O aprender e o viver se misturam o tempo todo. A criança não precisa ser preparada “para a vida”, pois ela já faz parte da vida desde que nasce. Por isso, as crianças têm liberdade para circular, brincar, ouvir e observar. Essa autonomia fortalece a confiança, o respeito e a responsabilidade.

Como aponta Baniwa (2019), enquanto a escola ocidental valoriza a escrita, o conteúdo e a disciplina, a educação indígena valoriza a experiência, a memória e a convivência. Isso não significa que a escola não tenha importância, mas mostra que ela precisa dialogar com a educação tradicional para não enfraquecer os saberes da comunidade.

## **1.9 - As transformações recentes na infância Mbyá**

Nos últimos anos, percebo que muitas crianças passaram a viver uma dupla formação: a tradicional, ligada ao território e aos mais velhos, e a escolar, ligada aos conteúdos formais. Além disso, a presença cada vez maior das tecnologias está transformando a infância de maneiras profundas. Antes, as crianças passavam o dia circulando entre as casas, a mata e a opy. Hoje, muitas preferem ficar em casa usando celular ou assistindo vídeos.

Essa mudança reduz o tempo de convivência com os mais velhos e diminui a presença da oralidade na formação das crianças. Como explica Walsh (2009), a interculturalidade crítica exige que entendamos como práticas externas podem criar tensões dentro das comunidades indígenas, especialmente quando afetam a transmissão dos saberes ancestrais. Por isso, compreender essas transformações é essencial para fortalecer a educação tradicional e pensar em caminhos de equilíbrio entre o antigo e o novo.

## **1.10 - As tensões entre tradição e modernidade na educação Mbyá**

Com a chegada das tecnologias digitais, surgiram novas tensões na educação e na infância Mbyá. As telas trouxeram novas formas de brincar, aprender e se comunicar, mas também afastaram as crianças de práticas fundamentais do nhandereko. Antes, a presença constante na casa dos avós, nas trilhas da mata e na opy fazia parte da rotina das crianças. Hoje, vejo muitas delas passando horas diante do celular, assistindo vídeos ou jogando online. Baniwa (2019), alerta que as tecnologias podem tanto fortalecer quanto enfraquecer os saberes indígenas — tudo depende do uso e do sentido que damos a elas. Quando se tornam um substituto da convivência comunitária, enfraquecem a transmissão dos saberes orais e reduzem a participação das crianças em espaços de aprendizagem tradicionais. Isso preocupa os mais velhos, que percebem que muitos ensinamentos deixam de ser valorizados.

Ao mesmo tempo, não podemos negar que as tecnologias fazem parte do mundo atual e estão presentes no cotidiano das crianças. Por isso, é necessário buscar equilíbrio, entendendo que a tecnologia pode se transformar em ferramenta de fortalecimento cultural, desde que utilizada com orientação e consciência. Como destaca Walsh (2009), a educação intercultural crítica deve reconhecer as tensões, mas também propor caminhos de resistência e afirmação cultural.

### **1.11 - Saberes e costumes Mbyá Guarani como resistência cultural**

A educação Mbyá Guarani sempre foi e continua sendo um ato de resistência cultural. Cada história contada pelos xeramõi, cada reza na opy, cada passeio pela mata e cada canto compartilhado pelas mães e avós são formas de manter viva a memória do povo. Esses saberes continuam presentes, apesar das mudanças, porque fazem parte da nossa espiritualidade e do nosso modo de existir.

Como afirma Melià (1991), a sabedoria guarani resiste porque está enraizada na palavra — uma palavra que cria sentido e mantém o equilíbrio entre corpo, espírito e comunidade. Mesmo quando as crianças se afastam temporariamente das práticas tradicionais, os mais velhos continuam chamando de volta, lembrando que há um caminho que precisa ser seguido para que o teko porã (vida boa e verdadeira) permaneça. Assim, compreender as transformações na infância é fundamental para fortalecer a cultura. Ao olhar para as mudanças, não fazemos apenas uma análise crítica, mas também reafirmamos o compromisso com a continuidade dos saberes.

### **1.12 - Síntese**

Em síntese, neste capítulo, busquei apresentar os fundamentos da educação Mbyá Guarani, destacando o papel central do nhandereko, dos mais velhos, da oralidade e da espiritualidade na formação das crianças. Mostrei como o território educa, como as aprendizagens acontecem pela convivência e como a infância é valorizada como um tempo pleno, e não como um período de preparação. Também, trouxe ainda que brevemente as diferenças entre a educação Mbyá Guarani e a educação escolar ocidental, evidenciando que, para os Mbyá, aprender e viver são dimensões inseparáveis. Por fim, apresentei as tensões e transformações recentes provocadas pela presença das tecnologias, que alteram a rotina, o brincar, a convivência e a transmissão dos saberes entre gerações.

Com isso, estabeleço a base teórica necessária para compreender os resultados da pesquisa. A seguir, apresento o Capítulo 2, onde descrevo o caminho metodológico que utilizei para investigar essas transformações dentro da Tekoá Marangatu, respeitando os modos próprios de pesquisa e escuta Mbyá Guarani.

## **CAPÍTULO 2 – CAMINHOS DA PESQUISA: METODOLOGIA EM PERSPECTIVA MBYÁ GUARANI**

### **2.1 - Local da pesquisa**

A pesquisa foi realizada na comunidade Tekoá Marangatu, localizada no município de Imaruí, no estado de Santa Catarina. A aldeia foi fundada em 1999 e é composta por famílias Guarani Mbyá vindas de diferentes regiões do litoral sul catarinense. Com cerca de 75 hectares, o território é cercado por rios e áreas de mata, formando um ambiente que favorece a continuidade das práticas culturais e educativas tradicionais. Esses espaços — o território, a escola indígena e a opy — constituem os principais ambientes de convivência, espiritualidade e aprendizagem cotidiana.

As observações começaram no final do semestre de 2024 e, a partir de março de 2025, foram realizadas descrições mais detalhadas, baseadas em conversas com os mais velhos, mães, lideranças e demais membros da comunidade. Primeiramente, busquei escutar a visão dos anciãos sobre a infância e sobre como era a educação tradicional nas gerações anteriores, bem como compreender suas percepções sobre as mudanças atuais. A pesquisa aconteceu em etapas, respeitando o tempo, a disposição e a rotina dos xeramõi e xejaryi, além de incluir entrevistas com mães sobre a relação de seus filhos com o uso da tecnologia em casa e na escola.

Com o tempo, percebi que iniciar essa pesquisa envolvia também olhar para minha própria trajetória dentro da comunidade — como mãe, estudante e mulher Mbyá. Isso despertou em mim reflexões profundas sobre as transformações que vêm ocorrendo na infância e na forma como os cuidados e a educação tradicional são transmitidos. Muitas das mudanças já eram percebidas há bastante tempo pelos mais velhos e por diversas mães, e passaram a ser tema recorrente em reuniões comunitárias, conversas e preocupações coletivas.



**Imagem 9:** Crianças na sala de aula, Tekoa Marangatu. Fonte: Acervo Próprio, 2025.

## **2.2 - Sujeitos da pesquisa**

Participaram da pesquisa os anciãos (xeramõi e xejaryi), mães, pais, crianças e professores da Escola Indígena Tekoá Marangatu. As pessoas foram convidadas conforme a convivência e pela disponibilidade em compartilhar suas percepções e vivências. Os mais velhos contribuíram por meio de conversas abertas, rezas, cantos e orientações espirituais. As crianças e mães dialogaram sobre suas rotinas, brincadeiras, usos da tecnologia e vivências escolares.

A comunidade Tekoá Marangatu é formada majoritariamente por famílias extensas ligadas à liderança do seu Augusto da Silva. Cresci cercada por meus tios, tias e primos, todos com histórias de vida semelhantes e uma educação pautada na coletividade e na resistência. Por essa razão, a pesquisa caminhou junto às pessoas que sempre fizeram parte da minha formação, permitindo ampliar o olhar sobre como diferentes gerações percebem a infância de ontem e de hoje.

Ao todo, aproximadamente doze pessoas participaram diretamente das conversas e entrevistas, incluindo anciãos, mães, pais e crianças entre sete e nove anos. As crianças

contribuíram de forma mais tímida, mas trouxeram elementos importantes sobre o uso de tecnologias no cotidiano. A participação da comunidade aconteceu de maneira espontânea e motivada pela preocupação coletiva com o desenvolvimento das crianças e com a preservação dos saberes tradicionais.

### **2.3 - Técnicas e instrumentos de coleta**

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa descritiva, fundamentada na observação participante e na escuta sensível das experiências vividas na aldeia. As entrevistas foram informais, respeitando o tempo, o modo de falar e a disposição de cada participante. As observações do cotidiano incluíram brincadeiras, relações familiares, atividades culturais e momentos de convivência.

Registrei os dados em diário de campo, de forma livre, respeitando a oralidade como base da educação Mbyá. As conversas com os mais velhos não foram transcritas literalmente para não quebrar o sentido espiritual e cultural das falas sagradas, pois muitas palavras do guarani não têm tradução adequada para o português sem perder profundidade. Entretanto, todas as reflexões e orientações foram registradas fielmente em seus significados. Já as falas de mães e crianças foram transcritas de maneira mais completa, por tratarem de experiências do cotidiano e não de conteúdos sagrados.

Essa etapa da pesquisa me fez compreender ainda mais o valor da escuta e da convivência. Ouvir os xeramõi e xejaryi falar sobre infância, educação e tecnologia é receber um ensinamento que ultrapassa o tempo presente. Cada relato carregava memórias, preocupações e esperanças, reforçando a importância de registrar e refletir sobre esses saberes dentro deste trabalho.

### **2.4 - Análise dos dados**

Os dados foram organizados a partir das falas, observações e registros do diário de campo. Utilizei como referência a análise temática, buscando identificar categorias recorrentes como: educação tradicional, convivência intergeracional, espiritualidade, brincadeiras, mudanças na infância e uso de tecnologias. A análise foi guiada pela escuta sensível, respeitando os significados atribuídos pelos participantes e situando suas falas no contexto do nhandereko.

Entre os Mbyá, muitas falas dos mais velhos têm nuances que exigem convivência, interpretação cuidadosa e espiritualidade. Por isso, a análise não buscou traduzir literalmente expressões que poderiam perder sentido fora do contexto cultural. Nas falas sagradas, priorizei descrever os significados e não a literalidade. Já crianças e mães tiveram suas falas registradas mais diretamente, pois tratavam de aspectos do cotidiano.

A análise também considerou dimensões simbólicas e afetivas presentes em cada narrativa, reconhecendo que a educação Mbyá não se separa da coletividade e da espiritualidade. O objetivo foi identificar continuidades e rupturas entre o modo tradicional de educar e o contexto atual influenciado pela presença das tecnologias.

## **2.5 - Considerações éticas**

A pesquisa respeitou os princípios éticos de escuta, consentimento e valorização dos saberes tradicionais. Todas as conversas, entrevistas e observações foram realizadas com autorização dos participantes, e a comunidade foi informada desde o início sobre os objetivos e etapas do estudo. Os pais e responsáveis das crianças também foram consultados sobre as entrevistas e registros.

O respeito às falas e ao modo de decidir da comunidade foi prioridade em todo o processo. Por isso, os nomes dos participantes foram preservados quando solicitados, e cada narrativa foi tratada com cuidado para honrar os sentidos atribuídos pelos mais velhos.

Como pesquisadora indígena, reconheço que este trabalho não é apenas acadêmico, mas também espiritual e comunitário. Pesquisar dentro da própria aldeia exige responsabilidade, cuidado e compromisso com os modos próprios de decisão e partilha. Por isso, tratei cada fala como parte de um ensinamento coletivo, buscando contribuir para a continuidade da educação tradicional e para o fortalecimento da nossa cultura diante das transformações atuais.

## **2.6 - Experiência da autora**

Este trabalho como pesquisadora me proporcionou momentos inesquecíveis, uma aprendizagem e ampliação dos conhecimentos da minha própria cultura, os mais velhos das comunidades guarani, não só a da minha aldeia, carregam memórias e saberes que nos contagia e moldam a maneira como enxergamos a vida e os seus processos. São experiências que cada jovem e crianças não poderiam abrir mão, ainda mais diante dessas mudanças que são inevitáveis e que ocorrem nessa sociedade em que vivemos. Toda a minha conversa com as

peessoas mais velhas sobre a infância e a educação, me proporcionou grandes momentos de reflexões sobre o modo de vida (o nhandereko) e compreender certas afirmações, o que me motiva ainda mais a questionar os caminhos da educação diferenciada, os processos da aprendizagem das crianças e a importância da autonomia que carregamos como pai, mãe professores e comunidade.

## **CAPÍTULO 3 – TRANSFORMAÇÕES NA INFÂNCIA MBYÁ GUARANI: ANÁLISE DOS DADOS**

### **3.1 - A infância Mbyá Guarani no passado: memórias, ensinamentos e convivências**

Quando eu era criança, a rotina na aldeia era muito diferente do que vejo hoje. A convivência com os mais velhos fazia parte do nosso dia a dia, e isso nos ensinava sobre respeito, escuta e responsabilidade. Desde cedo, acompanhávamos nossos pais e avós nas atividades cotidianas — ir para a roça, caminhar pela mata, pescar, coletar frutas, ajudar na casa e participar das rezas na opy. Cada momento tinha um sentido educativo, mesmo que não fosse explicado diretamente. Aprendíamos observando e repetindo gestos, do mesmo jeito que as crianças Mbyá sempre aprenderam.

Lembro que, quando acordávamos, já íamos visitar nossos avós. Passávamos o dia brincando ao ar livre, conversando, escutando histórias e participando das atividades da comunidade. As brincadeiras eram livres e aconteciam no território: correr na grama, nadar no rio, procurar frutinhas, brincar de montar casinhas com folhas, subir em árvores. O território era nosso grande espaço de aprendizagem. Como afirma Cohn (2005), a criança indígena aprende circulando, observando e participando da vida da comunidade. E era exatamente assim que aprendi: vivendo junto.

Os mais velhos tinham grande influência sobre nós. Eles nos orientavam com paciência, usando histórias, cantos e exemplos do cotidiano. A palavra deles tinha força e sabedoria. Sempre que estávamos perto de nossos avós, recebíamos conselhos sobre o comportamento, sobre respeito e sobre os caminhos que cada criança precisava seguir. Essas orientações não eram dadas como ordens, mas como ensinamentos transmitidos pela convivência. Esse modo de ensinar se aproxima do que Josué Carvalho (2016) descreve em sua análise da infância Kaingang: aprender acontece dentro da vida, por meio da observação e da participação, não pela imposição de conteúdos.

Durante minha infância, dificilmente ficávamos dentro de casa. O movimento era constante: brincar, visitar os parentes, ajudar em tarefas, participar das rezas, ouvir histórias, conversar ao redor do fogo. Essa liberdade fortalecia nossa autonomia e nossa capacidade de entender os ritmos do território e da comunidade. A presença dos xeramõi e xejaryi era

essencial, porque eram eles que conduziam nossa formação espiritual e emocional. Cada palavra deles tinha um sentido profundo, mesmo quando eu ainda não era capaz de entender tudo. Hoje percebo o quanto esses momentos formaram minha identidade e meu pertencimento.

As crianças de antigamente aprendiam sem pressa. Cada uma tinha seu tempo. Não existia a preocupação de “forçar” o aprendizado. Aprendíamos vivendo. Como diz Benites (2014), o conhecimento Mbyá é construído no caminhar, no sentir e no observar. Isso fazia a infância ser leve, livre e plena. E esse modo de viver nos preparava para crescer com responsabilidade, equilíbrio espiritual e respeito pelos outros.

Essa era a infância Mbyá do tempo dos meus avós — uma infância marcada pela convivência comunitária, pela circulação no território, pela presença constante dos mais velhos e pela vida vivida em harmonia com o nhandereko.

### **3.2 - A infância Mbyá Guarani na atualidade: mudanças, rotinas e novos modos de aprender**

Quando observo as crianças da Tekoá Marangatu hoje, percebo uma infância muito diferente daquela que vivi. Muitas das práticas que antes faziam parte da rotina — como visitar os avós logo cedo, circular livremente pela aldeia, brincar ao ar livre, participar das atividades comunitárias e acompanhar os adultos — diminuíram significativamente. A presença de tecnologias digitais, como celulares, televisão e acesso à internet, passou a ocupar grande parte do tempo e do interesse das crianças.

Vejo que muitas delas preferem ficar dentro de casa assistindo vídeos, jogando ou explorando conteúdos online. Isso acaba reduzindo o tempo de convivência com os mais velhos e com as outras crianças, e também diminui o contato com os espaços que antes eram fundamentais para a formação, como a opy, as trilhas da mata, os rios e as casas dos avós. Quando converso com as mães, muitas relatam que os filhos ficam “quietinhos” quando estão no celular — mas também reconhecem que isso diminui a vontade de brincar e de ajudar nas tarefas, além de aumentar o tempo de isolamento.



**Imagem 10:** Crianças assistindo Televisão no tempo livre da Escola, tekoa Marangatu. Fonte: Acervo Próprio, 2025.

Essas mudanças impactam diretamente a forma de brincar. As brincadeiras tradicionais, como correr na mata, nadar no rio, montar casinhas com folhas, subir em árvores, dançar e cantar com os mais velhos, aparecem com menos frequência. A brincadeira, que sempre foi um espaço de aprendizagem e convívio, como destaca Cohn (2005), deu lugar a interações mediadas pela tela. Algumas crianças ainda brincam juntas, mas muitas preferem ficar dentro de casa, conectadas ao celular. Isso provoca uma transformação profunda na relação delas com o território, com a comunidade e com o próprio corpo.

O convívio com os mais velhos também se alterou. Antes, quase todas as crianças começavam e terminavam o dia visitando os avós, ouvindo histórias ou ajudando em pequenas tarefas. Hoje, as visitas acontecem com menos frequência, e muitas mães comentam que é difícil “tirar as crianças do celular” para visitar parentes ou participar de atividades comunitárias. Isso preocupa os xeramõi e xejaryi, que sentem a ausência das crianças nos espaços de convivência espiritual e cultural. Muitos deles relatam que a nova geração “está ficando mais fechada” e que a palavra deles tem chegado com menos força.

Essas transformações estão diretamente relacionadas ao modelo atual de rotina: escola pela manhã, tarefas domésticas à tarde e uso de tecnologia no tempo livre. A escola se tornou um dos principais espaços de socialização, mas nem sempre consegue integrar as práticas culturais e espirituais da comunidade. Como aponta Josué Carvalho (2016), quando a escola assume um papel central na formação sem dialogar com a educação tradicional, ela acaba

ocupando o lugar do território e da convivência comunitária, criando uma espécie de “infância escolarizada” que se distancia dos modos próprios de aprender indígenas.

Outro aspecto importante é que as tecnologias, apesar de trazerem acesso a conteúdos e novas formas de comunicação, também introduzem valores e comportamentos externos à aldeia. Muitas crianças começam a imitar modos de falar, vestir ou agir vistos na internet, o que gera tensões entre o que aprendem com as telas e o que deveriam aprender com os mais velhos. Baniwa (2019) alerta que as tecnologias carregam consigo uma “força cultural” capaz de influenciar identidades e modos de vida, especialmente entre crianças e jovens.

Mesmo assim, não podemos afirmar que a presença das tecnologias seja apenas negativa. Algumas mães relatam que os filhos aprendem palavras novas, músicas, desenhos e conseguem acessar conteúdos educativos. O problema central não é a tecnologia em si, mas o desequilíbrio entre o tempo na tela e o tempo na convivência comunitária. Conforme Walsh (2009), é necessário olhar para esses processos com uma perspectiva crítica, reconhecendo tanto as ameaças quanto às possibilidades, sempre colocando a comunidade no centro das decisões sobre como usar ou regular essas ferramentas.

Assim, percebo que a infância Mbyá Guarani de hoje vive entre dois mundos: o mundo tradicional, que ensina pela convivência, espiritualidade e território; e o mundo moderno, que oferece novas formas de entretenimento e aprendizagem, mas que também afasta as crianças das práticas que sempre fortaleceram nossa cultura. Essa dualidade é o grande desafio da nossa geração.

### **3.3 - As tecnologias e suas influências na rotina infantil**

Um dos aspectos que mais apareceu nas conversas com mães, anciãos e crianças foi o impacto que as tecnologias têm provocado na rotina da infância Mbyá. Muitas mães relatam que os filhos passam grande parte do tempo usando o celular, assistindo vídeos ou jogando, especialmente depois das aulas e nos finais de semana. Esse tempo diante da tela acaba reduzindo o interesse por outras atividades que antes faziam parte da formação das crianças, como brincar ao ar livre, visitar os avós, participar da opy ou acompanhar os adultos nas tarefas do cotidiano.

A mudança é tão perceptível que alguns mais velhos comentam que “as crianças não querem mais andar”, porque os celulares as mantêm dentro de casa. Isso diminui a circulação

— que, como afirmam Cohn (2005) e Carvalho (2016), é uma dimensão central da infância indígena, pois é pela circulação que as crianças aprendem observando, imitando, perguntando e vivendo o ritmo da aldeia. A circulação é, para nós, uma forma de aprender pela vida, e não apenas pela fala. Com as telas, essa circulação foi sendo substituída por longos períodos sentados, em silêncio e isolados.

Outro impacto importante é o afastamento das crianças da convivência intergeracional. Como apontam Tassinari (2001) e Wagner (apud Cohn, 2005), a educação indígena depende da presença dos mais velhos, que são os guardiões da memória e da espiritualidade. Quanto menos as crianças visitam os avós, menos recebem orientações, histórias, cantos e conselhos. Muitos xeramõi comentaram para mim que sentem “falta das crianças por perto”. Eles relatam que quando a criança não acompanha os adultos, ela também deixa de aprender sobre plantas medicinais, rezas, cuidados com o corpo e com o território — saberes que não podem ser ensinados por celular.

As tecnologias também trazem mudanças no comportamento das crianças. Algumas mães dizem que seus filhos ficam irritados quando o celular é retirado, ou não querem participar de atividades comunitárias porque preferem “continuar no jogo”. Isso preocupa a comunidade, porque observamos que essa irritação não combina com a ética do nhandereko, que valoriza o equilíbrio, a calma, o respeito e o cuidado com os outros. O excesso de estímulos das telas — luz forte, sons rápidos, vídeos curtos — afeta o tempo interno da criança, que passa a ter mais dificuldade de esperar, de ouvir e de participar de rituais que exigem atenção, como a opy.

Ao mesmo tempo, a influência de conteúdos externos começa a aparecer no modo de falar, de brincar e até de se vestir. Algumas crianças imitam expressões que veem na internet, repetem gestos de personagens ou querem brinquedos e roupas inspiradas em influenciadores. Como afirma Baniwa (2019), as tecnologias carregam consigo uma “força cultural” que nem sempre dialoga com os modos de vida tradicionais. Isso não significa que a tecnologia seja inimiga da cultura, mas que ela precisa ser usada com equilíbrio, com orientação e com intencionalidade.

Ainda assim, não podemos afirmar que as tecnologias sejam apenas negativas. Algumas mães também destacaram pontos positivos, como vídeos educativos, músicas infantis em guarani e conteúdos que despertam curiosidade nas crianças. Em alguns casos, o

celular também é usado para registrar cantos, rezas e encontros comunitários, ajudando a preservar registros da cultura. A tecnologia, portanto, não é o problema em si — o problema está no desequilíbrio entre o tempo nas telas e o tempo de convivência comunitária.

É exatamente esse olhar que Walsh (2009) chama de interculturalidade crítica: compreender que é possível integrar elementos do mundo contemporâneo sem perder nossos modos próprios de ensinar e aprender. O desafio é garantir que a tecnologia não substitua, mas complemente a educação tradicional. Para isso, é necessário que pais, mães, professores e mais velhos conversem sobre o uso das telas, estabeleçam limites saudáveis e ajudem as crianças a equilibrar o tempo entre o celular e a vida comunitária.

O que vemos hoje é uma infância em transformação: entre o que recebemos dos nossos ancestrais e o que chega pelas telas. Essa coexistência precisa ser cuidada para que as tecnologias não silenciem a palavra dos mais velhos nem enfraqueçam a relação das crianças com o território e com sua espiritualidade.



**Imagem 11:** Crianças mexendo no celular durante intervalo das aulas, Tekoá Marangatu. Fonte: Acervo Próprio, 2025.



**Imagem 12:** Crianças mexendo no Celular, Tekoa Marangatu. Fonte: Acervo Próprio, 2025.

### **3.4 - O “encantamento” das crianças guarani pelas tecnologias**

A maioria das crianças guarani se encantam com novas tecnologias porque elas são altamente estimulantes e interativas. Porém, sem limites, podem contribuir para problemas como distração, dependência digital e redução de interações reais, especialmente em idades mais sensíveis. Enxergando essa realidade em que as crianças vivem, uma conexão diária com o uso de meios digitais, observei e tive conversas com algumas crianças da minha comunidade entre faixa de 6 a 10 anos, com objetivo de escutar e entender o modo de pensar das crianças. Alguns trechos das falas sempre são comuns e semelhantes de idade para outra, como: “é divertido”, “é mais interessante assistir os vídeos no youtube”, “os jogos online são legais”, entre outros. Com relação às atividades culturais e acompanhar os pais em tarefas diárias eles afirmam que fazem as tarefas, mas com pouco tempo e que depende muito da forma que os pais incentivam nessas atividades. Com essas breves conversas com as crianças, presumo que muitas vezes os próprios pais atualmente não incentivam muito os filhos a terem interesse em atividades básicas do dia a dia, dando espaço para que eles consigam ter acesso frequente com as tecnologias digitais que estão ao alcance. Levando em conta as mudanças ao modo de se socializar com o mundo dos brancos e a modernidade e as tecnologias, e que os pais e as mães já não têm como ficar com seus filhos em tempo integral para ensinar coisas do dia a dia. Isso ocorre por conta

da exigência desse sistema imposto pela sociedade, da necessidade que vem surgindo ao longo do tempo de ter que trabalhar, até mesmo fora da aldeia, para sustentar sua família, como afirma Veríssimo (2020).

### **3.5- Rupturas, continuidades e desafios contemporâneos**

A partir das conversas com mães, crianças e mais velhos, ficou evidente que a infância Mbyá Guarani vive hoje um momento de mudanças intensas. Essas mudanças não representam apenas uma troca de brincadeiras ou de rotinas, mas uma transformação profunda na forma de aprender, de conviver e de se relacionar com o território e com a comunidade. A presença das tecnologias alterou os tempos da infância, reduziu a circulação das crianças pelos espaços da aldeia, diminuiu a convivência com os mais velhos e introduziu valores externos que nem sempre dialogam com o nhandereko.

Apesar dessas rupturas, também existem continuidades importantes que mostram a força da nossa cultura. Os mais velhos continuam presentes, orientando, rezando e compartilhando suas histórias. Muitas mães ainda levam seus filhos para a opy, incentivam brincadeiras tradicionais e tentam equilibrar a presença da tecnologia com a convivência comunitária. A espiritualidade permanece como centro da formação das crianças, mesmo que a frequência às rezas tenha diminuído. E a escola indígena continua sendo um espaço importante de afirmação cultural, buscando integrar os saberes tradicionais ao ensino formal. Essas continuidades mostram que, mesmo diante das mudanças, a cultura Mbyá mantém sua força. Como afirma Melià (1991), o nhandereko não desaparece — ele se transforma, se adapta e continua orientando os caminhos da comunidade. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que certas rupturas precisam ser enfrentadas com cuidado, especialmente quando afetam a transmissão dos saberes ancestrais. A falta de convivência com os avós e a diminuição da oralidade, por exemplo, podem enfraquecer valores fundamentais da nossa educação.

Por isso, o maior desafio da infância atual é encontrar equilíbrio entre o mundo tradicional e o mundo moderno. As tecnologias fazem parte da vida das crianças, e não podemos simplesmente proibi-las ou ignorá-las. No entanto, precisamos garantir que elas não se tornem o centro da vida infantil, nem substituam a convivência comunitária. Como destaca Walsh (2009), a interculturalidade crítica exige que reconheçamos tanto as tensões quanto as possibilidades, construindo caminhos que respeitem nossos modos de ensinar e aprender.

Na Tekoá Marangatu, percebo que muitos desses caminhos já estão sendo buscados.

As mães conversam entre si sobre limites de uso do celular, os mais velhos chamam a atenção quando sentem falta das crianças na opy, e os professores tentam integrar mais atividades de campo e práticas culturais no cotidiano escolar. Esses movimentos mostram que a comunidade não está passiva diante das mudanças, mas procurando formas de proteger o que é essencial: a continuidade dos saberes e a formação das crianças dentro do nhandereko.

A partir desta análise, entendo que a infância Mbyá de hoje caminha entre desafios e possibilidades. A tecnologia trouxe mudanças importantes, mas também nos permitiu refletir com mais profundidade sobre o valor da convivência, da oralidade e do território. Assim, este estudo busca não apenas compreender transformações, mas também fortalecer o compromisso coletivo com a educação tradicional, garantindo que ela continue sendo o coração da nossa existência como povo.

Este capítulo analisou como a infância Mbyá Guarani tem se transformado ao longo dos anos, destacando continuidades, rupturas e desafios. A partir das memórias dos mais velhos, das observações do cotidiano e das falas das mães e crianças, tornou-se possível compreender que a presença das tecnologias modifica rotinas, prioridades e formas de aprender, mas não elimina a força da educação tradicional.

Essa análise nos permite olhar para o futuro com consciência e responsabilidade, reconhecendo que a preservação da cultura depende da convivência intergeracional, da palavra dos mais velhos, do território e da espiritualidade. Ao mesmo tempo, é necessário pensar coletivamente em caminhos para integrar as tecnologias sem perder nossa essência, como forma de resistência e afirmação cultural.

A seguir, apresento as Considerações Finais, onde retomo os principais achados da pesquisa, avalio os impactos identificados e aponto caminhos possíveis para fortalecer a infância e a educação Mbyá Guarani diante das transformações contemporâneas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa realizada na comunidade Tekoá Marangatu permitiu compreender de forma profunda as transformações que vêm ocorrendo na infância e na educação tradicional Mbyá Guarani diante da presença crescente das tecnologias. A partir das falas dos anciãos, das mães, das crianças e das observações registradas em diário de campo, foi possível perceber que as mudanças não se restringem ao uso de novos objetos, mas alcançam dimensões espirituais, sociais, emocionais e culturais do modo de ser Mbyá.

Ao retomar o objetivo geral — compreender as transformações na infância e na educação tradicional Guarani diante das tecnologias — posso afirmar que ele foi alcançado. Os objetivos específicos também se realizaram: identifiquei as mudanças nas práticas educativas, analisei como as tecnologias influenciam o cotidiano das crianças e compreendi como os mais velhos e a escola indígena vêm atuando para preservar a tradição. A análise mostrou que as tecnologias não interrompem a cultura por completo, mas alteram ritmos, modos de brincar, formas de conviver e o tempo disponível para a transmissão oral dos saberes ancestrais.

As conversas com os anciãos revelaram uma preocupação recorrente: a diminuição do tempo de convivência e a intensidade com que as tecnologias ocupam o pensamento e o corpo das crianças. Antes, era comum ver os pequenos circulando pela aldeia, indo de casa em casa, participando das rezas, ajudando nas tarefas e escutando histórias dos mais velhos. Hoje, muitas crianças passam grande parte do dia dentro de casa, com o celular nas mãos, imersas em conteúdos que não dialogam com o nhandereko. Como afirmam Cohn (2005) e Baniwa (2019), quando a convivência intergeracional diminui, a memória oral e os valores tradicionais enfraquecem.

Apesar dessas rupturas, a pesquisa também evidenciou continuidades importantes. A espiritualidade permanece como base da formação das crianças, e os mais velhos continuam transmitindo conselhos, histórias e rezas sempre que as crianças se aproximam. A escola indígena, por sua vez, tem buscado estratégias para integrar a cultura ao ensino formal, promovendo atividades como rodas de conversa, oficinas de artesanato, cantos tradicionais e saídas de campo. Esses movimentos mostram que, mesmo diante das mudanças, a comunidade se organiza para proteger o que é essencial.

Durante a pesquisa, compreendi que o problema não é a tecnologia em si, mas o desequilíbrio entre o tempo que as crianças passam nas telas e o tempo que dedicam à convivência comunitária. Quando equilibrada, a tecnologia pode até contribuir para o

fortalecimento cultural, permitindo registrar cantos, histórias e projetos que valorizam a língua e o modo de ser Guarani. No entanto, quando usada sem orientação, ela enfraquece vínculos e reduz o espaço da oralidade, que é o coração da educação Mbyá.

Ao olhar para o conjunto desta pesquisa, entendo que estudar a infância não é apenas analisar práticas e rotinas, mas também compreender como o nosso povo atravessa as mudanças do mundo contemporâneo sem perder sua essência. Como destaca Melià (1991), o nhandereko não é estático; ele se transforma, acompanha o tempo e se fortalece quando a comunidade se compromete com sua continuidade.

Este trabalho também me transformou como mulher Mbyá Guarani. A escuta das anciãs, o olhar das crianças e as reflexões feitas ao longo do processo me ensinaram que pesquisar é, antes de tudo, um ato de cuidado. Pesquisar dentro da aldeia é cuidar da memória, da infância e dos caminhos futuros que nossos filhos e netos irão trilhar. Compreendi que a força do nosso povo está na palavra verdadeira que passa de geração em geração, mantendo viva a identidade e a espiritualidade de quem somos.

A pesquisa também aponta caminhos futuros. Pretendo continuar este trabalho em iniciativas que unam tecnologia e tradição, como projetos de gravação de histórias contadas pelos mais velhos, registros de cantos e oficinas para crianças e jovens. São iniciativas que podem fortalecer a língua, apoiar o trabalho da escola e valorizar ainda mais a presença dos xeramõi e xejaryi.

Encerrando este TCC, trago comigo um ensinamento que ouvi muitas vezes da minha xejaryi: “A palavra tem caminho, e quem fala com verdade nunca anda sozinho.” Este pensamento resume o sentido espiritual deste estudo. A palavra dos antigos, quando respeitada, ilumina os caminhos do presente e protege o futuro das nossas crianças, que são sagradas para o povo Mbyá Guarani.

Como dizem os mais velhos da minha comunidade: “Nossas crianças foram enviadas para fortalecer o nosso teko e enfrentar o tekoaxy (as imperfeições da vida), lembrando sempre da sua identidade e das suas origens. Esse é o nhandereko, o que nos sustenta como povo.” Assim, encerro esta pesquisa reafirmando que cuidar da infância é cuidar da continuidade do nosso povo, garantindo que o equilíbrio entre tradição e tecnologia seja feito com sabedoria, presença e amor.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje*. 2. ed. Brasília: MEC, 2019.

BENITES, Tônico. *A escola na perspectiva do povo Guarani e Kaiowa*. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014.

CARVALHO, Josué. *Enquanto os adultos brincam: Introdução aos processos próprios de ensino-aprendizagem da criança indígena Kaingang*. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

COHN, Clarice. *A criança indígena: a construção da pessoa entre os Xikrin*. São Paulo: Editora 34, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MELIÀ, Bartomeu. *Educação indígena e alfabetização*. São Paulo: Loyola, 1991.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. *Reciprocidade, educação e relações sociais entre os povos indígenas*. *Revista de Antropologia*, v. 44, n. 2, p. 59–86, 2001.

WAGNER, Alfredo. Apud COHN, Clarice. *A criança indígena: a construção da pessoa entre os Xikrin*. São Paulo: Editora 34, 2005.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2009.

VERÍSSIMO, Silvana Minduá Vidal. *Educação Tradicional e o uso da Tecnologia na Infância Guarani Kyringue Onheovanga ha'e jurua mba'e Oiporu Onhembo'ea py*. Florianópolis, 2020.